

Ramalho Ortigão e a Química

Admitimos aqui (QUÍMICA - 71) a hipótese de nos ocuparmos de mais algumas incursões de Ramalho Ortigão nos domínios da Química.

É esse o objectivo desta Antologia.

A água, melhor, "as águas" (veremos adiante o significado e a importância deste plural) foram uma preocupação destacada na obra deste escritor.

Em "As Praias de Portugal - Guia do Banhista e do Viajante" Ramalho, ao dirigir-se a uma eventual leitora e fazendo o panegírico do mar, afirma: "Tudo aquilo de que precisa o teu abatido organismo a tua imaginação o teu carácter a tua alma, o mar possui para to dar. Ele tem o fosfato de cal" (sic) "para os teus ossos, o iodo para os teus tecidos, o bromureto" (sic) "para os teus nervos, o grande calor para o teu sangue descorado e arrefecido."

Em "Banhos de Caldas e Águas Minerais" (livro que de resto precedeu o anteriormente citado e de que Química já transcreveu, no nº 58, um curioso excerto), são tecidas várias considerações em torno da actuação das águas minerais sobre o organismo humano.

Para salientar a importância da acção externa, isto é, por simples imersão prolongada, refere-se a acção letal de soluções a 1% de estricnina ou nicotina, indicando-se os tempos capazes de provocar a morte, num e outro caso.

Passando à acção interna, debruça-se Ramalho exaustivamente sobre todas as termas então em funcionamento no País indicando a acção de cada uma das águas e referindo para algumas a respectiva composição qualitativa e quantitativa com indicação de "teores de resíduos, de silicatos, cloruretos" (sic) "sais calcários e magnesianos, análise sulfidrimétrica, comportamento perante papéis reagentes", etc.

Estes dados técnicos são amenizados por sensatos conselhos aos aquistas, por magistrais descrições de paisagens de caçadas - nomeadamente ao javali na serra do Gerez - e de condições de viagem e instalação.

Essa condições iam do maior primitivismo ao maior requinte que, na época, se podia pretender.

Não resistimos à tentação de transcrever um período relativo às condições primitivas vividas durante algumas caçadas:

"Dormia-se geralmente em palheiros sobre um feixe de colmo, ou nas mesmas estrebarias, enrolado num cobrejão, a um canto da manjedoura ao bafo morno do cavalo que levantava tranquilamente a sua razão, ouvindo-se assobiar o vento da serra pelas fendas do muro".

Quanto ao maior requinte, apenas uns dados do seu custo: a diária no Grande Hotel de Vidago podia variar entre os 1200 e os 2250 reis nesse recuado ano de 1875.

Mas é ainda em "As Farpas" (vol II da ed. de 1888) que o irresistível humor cáustico de Ramalho se revela novamente a propósito das águas.

Em cartas publicadas no "Diário de Notícias", monsenhor Pinto de Campos tinha descrito a sua viagem a Roma e as suas impressões dessa cidade. Por fim anunciara a interrupção dessa correspondência uma vez que se deslocaria, para tratamento e repouso, durante 15 dias, a "Viareggio celebrada por Lord Byron", conforme palavras da última carta.

Ramalho, começando por transcrever monsenhor Gaume, faz notar: "... a boa sociedade ... logo que a estação chega, vai passar, nas terras de águas, parte do verão. Águas de mar - águas de Vichy, águas de Barrèges, de Neris ... de Baden; águas purgativas, sulfúricas, ferrugi-

nosas, conhecem-nas todas, estimam-nas todas.

A todas concorrem e recorrem; sòmente a mais salutar de todas as águas, a água benta, não é conhecida, nem procurada, nem empregada".

Depois de enumerar os males que, segundo Gaume, a água benta cura, figurando em terceiro lugar "toda a espécie de doença", Ramalho pergunta, dirigindo-se a Monsenhor Pinto de Campos: "V.Exª acredita na água benta monsenhor? Sim ou não? Se não acredita, peço-lhe que mo diga. Se acredita, para que vai V.Exª tomar banhos à praia de Viareggio que nenhum papa aconselha e que, de mais a mais, o ímpio Lord Byron celebra?"

Se lhe repugnava, por qualquer motivo, a água benta vulgar, porque não procurou V.Exª a água benta aperfeiçoada pelos jesuítas chamada de S.to Inácio? ... Assim aperfeiçoada, a água benta é soberana ... para curar a peste ... as chagas incuráveis ... a cegueira, a surdez, a paralisia, o reumatismo, a gôta, a lepra, a caspa, a heresia, os calos, etc. ... porque não aproveitou a água de Lurdes (traitement facile à suivre même en voyage) ... porque não aderiu à água de La Salette ... etc.?

Se mor. Pinto de Campos, o esforçado paladino da Cúria Romana e do clericalismo, não acredita na água de N.ª S.ª de Lurdes, nem na água benta simples, nem na água benta composta ... e se prefere ir simplesmente tomar uns 15 banhos a Viareggio quem é que há-de tomar as águas santas, não farão o favor de me dizer?"

E termina por estabelecer um paralelo com os vendedores ambulantes de coco, em Paris, que "passam uma tarde inteira a apregoar o côco como a mais saudável como a mais deliciosa das bebidas. Depois, quando ... se lhes seca a boca, eles pegam no dinheiro que os outros lhes deram pelo côco e vão ao armazém da esquina empregar esse dinheiro em vinho. Tão sòmente os mercadores de côco, quando vão ao armazém da esquina, não o publicam no Diário de Notícias".

Ainda em "As Farpas" (Vol V da ed. de 1888) e sempre preocupado com águas: "Acha-se ainda na Alfândega - dizem - uma partida de água de N.ª S.ª de Lurdes, perante a qual, como produto sujeito às leis do imposto, hesita a opinião dos classificadores de géneros importados.

Admitindo que a água de N.ª S.ª de Lurdes tenha operado, como se afirma, a cura de uma paralítica, é claro que tal água não pode deixar de ser considerada senão como - droga.

Droga medicinal, a água de N.ª S.ª de Lurdes, abre um capítulo novo nos sistemas hidroterapêuticos.

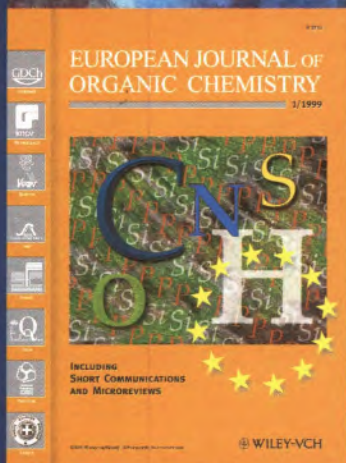
Este capítulo precisa de ser ratificado pela observação científica. Para tal, importa estabelecer, nos hospitais, uma enfermaria especial, uma enfermaria de doentes incuráveis, para o ensaio do novo sistema.

Como agente terapêutico cremos que a água de N.ª S.ª de Lurdes não pode, decentemente, esquivar-se a esta prova".

Como vemos, os passos de Ramalho nos domínios da Química foram numerosos mas muitas vezes titubeantes e incapazes de evitar alguns tropeções. Tal enquadra-se, talvez, no seu "ar de dandismo volúvelmente enciclopédico" de que o acusam A. J. Saraiva e Óscar Lopes. Mas, para além disso e da busca de quaisquer outras relações com a Química, não podemos deixar de admirar o poder descritivo e colorido da sua prosa bem patentes em "A Holanda" e as suas críticas, por vezes fortemente mordazes.

Raul Torcato Barroca

UNITY IS STRENGTH:



WILEY-VCH
1999
12 issues per year
ISSN 1434-193X

Order Your Free Sample Copy now:

Just copy, fill in and fax to:
+49/(0) 62 01/606-172

- ☐ Please send me a free sample copy and price information
- ☐ And the personal subscription rates for members of the owner societies. I am a member of:

Title/Name:

Company/Firm:

Address:

Post/ZIP Code:

Country:

European Journal of Organic Chemistry publishes full papers, microreviews, and short communications from the entire spectrum of synthetic organic and bio-organic chemistry, and the chemistry of natural products, formerly contained in the journals on the right. The microreviews introduce you to a specific area of an author's research through a detailed overview of a selected topic.

Available online

A Special Online Offer for 1999 Subscribers

Subscribe at the Full Rate and receive full text online access – Visit Wiley InterScience (www.interscience.wiley.com) for complete details

Grown out of these journals

European Journal of Organic Chemistry is owned and supported by the following Societies:

- Koninklijke Vlaamse Chemische Vereniging (Belgium)
- Société Royale de Chimie (Belgium)
- Société Française de Chimie (France)
- Gesellschaft Deutscher Chemiker (Germany)
- Association of Greek Chemists (Greece)
- Società Chimica Italiana (Italy)
- Sociedade Portuguesa de Química (Portugal)
- Real Sociedad Española de Química (Spain)
- Koninklijke Nederlandse Chemische Vereniging (The Netherlands)



WILEY-VCH

